

Marx e a crítica do modo de representação capitalista

JORGE GRESPAN

São Paulo: Boitempo, 2019. 302p.

Henrique Amorim* e Felipe Moda**

Receber da Revista *Crítica Marxista* a encomenda para resenhar o livro *Marx e a crítica do modo de representação capitalista*, de Jorge Grespan, é, além de uma satisfação, um desafio. Longe de reproduzir superficiais análises dos escritos de Marx, Grespan nos convida a uma nova leitura, baseada na distinção entre os conceitos de apresentação (*Darstellen*) e representação (*Vorstellen*), procurando, assim, expor a difícil relação entre sujeito e objeto subjacente à obra de Marx, particularmente em *O capital*.

Grespan afirma que *O capital* é organizado a partir de uma totalidade que abarca os três livros que compõem a obra, sendo importante a sua leitura completa para a compreensão das dinâmicas do capitalismo contemporâneo. Apesar dos três volumes terem sido formulados por Marx, coube a Engels editar os Livros II e III, suprimindo e reorganizando diversas passagens dos manuscritos originais. Grespan recupera estes manuscritos para constatar como os conceitos de apresentação e de representação são usados de maneira diferente pelo autor, com o primeiro significando a maneira como o capital aparece ou se mostra e o segundo com o sentido de atuar no lugar de alguém, representando uma prática social. Por esta diferença, Marx afirma que o modo de produção capitalista engendra um modo de representação capitalista.

* Professor Associado de Sociologia da Unifesp. E-mail: hamorim@unifesp.br

** Doutorando do PPGCS da Unifesp. E-mail: felipe.bruner@gmail.com

Na primeira parte do livro, “As formas do mais-valor”, Grespan afirma que o capitalista que extraiu o mais-valor a partir da exploração da força de trabalho é o primeiro a se apropriar dele, mas não o último. A maneira pela qual o mais-valor é distribuído segue uma ordem complexa de desenvolvimento, com o capitalista industrial sendo forçado a repassar parte deste valor para os demais industriais, para os comerciantes, para os capitalistas que emprestam dinheiro a juros e para os que arrendam suas terras. Assim, esta distribuição segue o princípio da propriedade privada, já que todos os que detêm títulos de propriedade lhe retiram uma fatia, independentemente de terem utilizado o seu capital para explorar o trabalho de outrem.

Esta distribuição de valores pela concorrência entre capitais individuais é chamada de equalização. Por ela, um capital utilizado na produção obtém a mesma quantia de mais-valor do que outro capital da mesma grandeza, independentemente do ramo produtivo no qual foi empregado. Assim, a equalização ocorre já entre os capitalistas industriais, conformando uma taxa média de lucro. Este processo também se dá com o capital comercial e permite que o industrial reduza o seu montante de capital imobilizado; por isso, ele “ganha o direito” de receber parte do lucro. A equalização garante uma função social para o proprietário do dinheiro que o empresta para os capitalistas produtivos e, por realizar tal empréstimo, adquirem o direito de receber parte do mais-valor sob a forma de juros. O mesmo ocorre com os capitalistas proprietários de terras e que as arrendam, com parte do valor produzido em suas terras sendo revertido aos seus proprietários.

Entretanto, é por excluir dos trabalhadores a posse dos meios de produção que o capital pode incluí-los no processo produtivo, como capital variável. E é por incluí-los que o capital se valoriza. Ao realizar esta exclusão e inclusão do trabalho na produção capitalista, o capital passa a assumir o poder de organizar a maneira pela qual a sociabilidade das trocas entre mercadorias irá ocorrer, distorcendo a consciência que trabalhadores, empresários e proprietários têm do processo produtivo.

Na segunda parte de seu livro, Grespan demonstra como os conceitos de apresentação e representação são desenvolvidos por Marx e, para tanto, parte da noção de forma, que descreve como se organizam as relações entre as coisas e as pessoas em determinado modo de produção. No capitalismo, a primeira forma diz respeito à determinação mais simples do valor de troca, “ x mercadoria A = y mercadoria B”, na qual a primeira manifesta seu valor na forma relativa e a segunda na forma equivalente, com o valor de troca expressando o valor da mercadoria A ao apresentá-lo no valor de B. Neste sentido, a apresentação se relaciona à exteriorização da oposição interna presente nas mercadorias entre valor e valor de uso, à oposição entre forma relativa e equivalente, ocultando o conflito presente em cada totalidade social. Este movimento de exteriorização do conflito nunca é resolvido, sendo sempre apresentado em uma nova oposição mais complexa.

A representação, por sua vez, é definida primeiramente em oposição ao conceito de apresentação, pois na mercadoria equivalente o valor de uso representa o

valor, com esta oposição referindo-se ao embate da medida real, de fato apresentada, e da ideal. Esta oposição ocorre, por exemplo, quando o dinheiro se determina já de início como medida de valor que representa os preços das mercadorias, mesmo antes de ocorrer a relação de troca, conformando uma representação ideal deste valor. Pela capacidade do dinheiro em representar o valor, as relações sociais podem ser engendradas idealmente, vendendo-se mercadorias com a promessa de um pagamento futuro. Como o dinheiro idealizado pode ser encadeado em novas transações, cria-se uma autonomia do dinheiro representado sobre o apresentado.

Na última parte da obra, Grespan demonstra como se constitui o modo de representação capitalista. Para tanto, parte de uma nova definição do conceito de representação, o qual expressa uma consciência invertida que os agentes do capitalismo têm de suas funções. Para o empresário, por exemplo, seus ganhos são confundidos com um salário que ele tem direito a receber por trabalhar supervisionando o processo produtivo, colocando a sua condição próxima à do trabalhador. Ao mesmo tempo, para ele, o banqueiro é o único sujeito que representa realmente o capitalista, pois o explora a partir dos juros. Por sua vez, os trabalhadores são, ao mesmo tempo, trabalhadores na esfera produtiva e proprietários de si mesmos na esfera do consumo. Estas inversões da apresentação dos papéis dos agentes cria um modo de representação capitalista, que se refere, em primeiro lugar, ao sistema real de formas pelas quais o capital portador de juros canaliza relações sociais e, em segundo lugar, ao sistema de categorias pelas quais essas formas ecoam na consciência dos agentes.

É por estes movimentos de inversão sujeito e objeto que se constitui a fórmula trinitária capitalista. O capitalismo é dividido em três personificações, o puro proprietário, o capitalista e o assalariado, cujas relações entre si são ocultadas na reprodução social. Cada um desses agentes tem uma fonte de renda: o arrendamento ou os juros, o lucro e o salário. Com elas, se afasta cada vez mais do trabalho como formador de valor e se coloca centralidade na propriedade privada para a distribuição do mais-valor. Assim, se cria uma representação, expressa na consciência dos agentes, na qual a decomposição do valor aparece invertida, com o capital sendo o sujeito automático da sua valorização.

Grespan finaliza o livro afirmando que as representações mentais simplificam o conteúdo das relações sociais, apaziguando os conflitos internos. Já o fazer científico é justamente o processo contrário, a tentativa de descobrir o que se esconde por trás das aparências. Nesse sentido, seu livro é uma importante demonstração de como Marx segue válido para compreender o capitalismo contemporâneo. Retomando uma passagem de suas “Considerações Iniciais”, entendemos, com Grespan, que a sociedade “[...] deve ser o verdadeiro ponto de chegada de qualquer investigação sobre a obra de Marx” e, se o autor nos permite, também o ponto de partida que, ao fim de toda investigação, será revisitado por meio de um novo e mais profundo questionamento.